

## **Identidade e Memória nas Obras *Assim os Vejo ... Homens do meu Tempo e Florianópolis de Ontem* de Domingos Fossari**

**Marina Martins Amaral**

Artista visual, Bacharel em Artes Plásticas (2011) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente aluna do programa de pós-graduação em Artes Visuais da Linha de Teoria e História da Arte na mesma instituição (PPGAV-UDESC).

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo a reflexão sobre memória e a identidade nos livros *Assim os Vejo... Homens do meu Tempo e Florianópolis de Ontem*, do artista Domingos Fossari. Radicado em Florianópolis, Fossari dedicou-se à preservação da memória e identidade da cidade através de seus desenhos. O artigo mostra a importância do trabalho do artista ao fazer relações entre cidade, lembrança e esquecimento, passado e presente.

**Palavras - Chave:** Domingos Fossari, Memória, Identidade, Florianópolis.

### **Identity and Memory in the books *Assim os Vejo ... Homens do meu Tempo and Florianópolis de Ontem* by Domingos Fossari.**

**Abstract:** This article aims to create a reflection about memory and identity in the books *Assim os Vejo... Homens do meu Tempo e Florianópolis de Ontem*, from the artist Domingos Fossari. Settled in Florianópolis, Fossari dedicated himself to preserve the memory and identity of the city through his drawings. The article conveys the importance of the artist's work by making connections between city, memory and oblivion, the past and the present.

**Keywords:** Domingos Fossari, Memory, Identity, Florianópolis.

O artista Domingos de Aranda Fossari nasceu em 1914 na pequena cidade de Itaquí, no Rio Grande do Sul. Desde muito cedo Fossari decidiu dedicar-se à formação artística. Como sua cidade natal não oferecia condições necessárias para que desenvolvesse seu potencial artístico, o jovem Fossari procurou formação em outras cidades, primeiramente através de cursos por correspondência e mais tarde, em 1937, vai a Buenos Aires, onde estuda por dois anos e dedica-se intensamente ao desenho clássico. O contato com as obras de artistas através de revistas especializadas argentinas foram de singular importância no desenvolvimento de sua técnica pessoal.

Em 1939, Fossari regressa a cidade natal, mas acaba instalando-se em Porto Alegre onde começa a trabalhar como desenhista de publicidade. Na capital inicia seus estudos com o suíço Vicente Perlasca, especializando-se na técnica do bico-de-pena. Fossari começa a atuar no Serviço Nacional da Malária - SNM em 1943, onde é requisitado para organizar a seção de desenhos do SNM na cidade de Florianópolis, servindo até 1976, ao aposentar-se.

É no ano de 1973, aos 58 anos de idade, que Domingos Fossari publica seu primeiro livro *Assim os vejo ... Homens do meu tempo*. O livro foi publicado com o apoio de familiares, de amigos e da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. As 107 meticulosas caricaturas, das mais variadas personalidades de Santa Catarina, contidas no livro de Fossari começaram a ser produzidas a partir de 1970. O artigo *Domingos Fossari na memória - a trajetória de um artista* de Luciane Ruchel N. Garcez e Sandra Makowiecky, 2009, diz que:

Segundo o artista, uma caricatura é a forma que mais se aproxima da memória inconsciente guardada de alguém, uma espécie de fotografia subjetiva. Despindo o personagem de quaisquer ligações políticas, Fossari construiu as imagens desprovidas de sátira, sem objetivo humorístico, motivado pela vontade de fazer arte, pura e simples, em outras palavras, satisfazendo o desejo de criar. (Makowiecky e Ruchel, 2009).

Para a realização deste projeto Fossari não poupou esforços em pesquisa. Sua intenção era retratar a personalidade pura e simples de cada modelo, sem usar de indicações óbvias, o que acontece comumente em charges e caricaturas. Uma intensa fase de pesquisa foi indispensável para o trabalho, já que muitos dos modelos não tinham a possibilidade de ir até o ateliê do artista. Fossari reuniu várias fotografias dos modelos, estudou seus hábitos e traços. Antes de iniciar a caricatura final, o artista fez uma média de 12 esboços de cada modelo.

Domingos admitia que tinha um encanto especial pela caricatura, e como todo caricaturista, gostava de fisionomias com traços fortes. Podemos defini-lo como um verdadeiro perfeccionista na sua área, de percepção apurada, sensível aos detalhes, mestre na arte do olhar. Sua dedicação era notória, desenhava diariamente.

Como um verdadeiro adorador da ilha, Fossari se satisfazia em retratar os lugares e o povo “manézinho”. Acredita-se que esta adoração pelas paisagens cotidianas de Florianópolis fosse, na verdade, uma busca mitológica por seres que por anos fizeram parte

de seus sonhos infantis. Desde criança o cenário ilhéu era familiar para Fossari, A. Seixas Netto nos conta que Fossari “(...) nasceu nos pampas gaúchos e se tornou ilhéu ‘barriga verde’ por adoção e por enlevo histórico-emocional.” E afirma que:

[...] Ele mesmo conta que, quando garoto, na idade dos sonhos d’heróis e gênios e fadas, ficava por inteiras horas a escutar narrativas da fronteira; e por muitas vezes seus sonhos eram a narrativa guasca das campanhas platinas quando os ‘demônios verdes, que vieram lá da ilha do desterro, saltavam das macegas em chamas para o ‘entrevero’ com a indiada de Andresito Artigas enquanto os centauros gaúchos, de Chiripás ao vento e lanças rebrilhantes, devolviam de roldão sobre a fronteira a bugrada guarani que vinha talar os pampas e coxilhas do Rio Grande do Sul.

Sempre se mostrou disciplinado e determinado a registrar da maneira mais real possível a realidade. Prezava tanto a técnica, que nunca deixou de estudar e praticar. Seus traços ao mesmo tempo eram leves e marcantes, de uma precisão incrível, sua riqueza nos detalhes permitia algumas vezes a identificação de espécies de plantas nas paisagens de seus desenhos.

Na ilha, retratou pescadores, rendeiras, casarios antigos. Fossari sempre se preocupou com a cidade e com a preservação da identidade local. O artista preocupava-se com o acelerado crescimento da ilha e com a onda de demolições que se instalava em Florianópolis. Fossari eternizou paisagens através do desenho, como um caçador de memórias, quando sabia que alguma construção antiga iria ser demolida apressava-se ao local para eternizá-lo com seu bico-de-pena.

Que interesse pode ter, no entanto, a descrição de uma cidade? Nos dá a impressão de contemplarmos um cadáver. Tentemos, pois, animá-los com um toque de vida, com um sopro humano. Imaginemos um ser qualquer, um homem comum, que a ama, a observa e, carinhosamente, anota as impressões que sentiu. Este homem terá reminiscências, falará das coisas que mais perto estiverem de seus conhecimentos, do seu caráter e do seu temperamento. As paisagens e os fatos tomarão cores talvez diversas das reais. Mas isso terá alguma importância? A cidade renascerá, eis o principal. Não a cidade como ela se possa apresentar aos olhos de quem quer que seja. Apenas a cidade construída e sentida por esse homem comum. (Souza, 1960, p.12).

Em 1978, Fossari, com o apoio da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, publica uma coletânea de desenhos em bico-de-pena sobre a cidade, chamada *Florianópolis de Ontem*. A publicação desses desenhos era um sonho antigo, afinal era um projeto caro e Fossari era pai de família e trabalhava como funcionário público. O livro com

121 paisagens a bico-de-pena teve três edições esgotadas, e ainda hoje serve como referência para muitos profissionais na área de história, arquitetura e artes.

A maioria dos desenhos apresentados no livro foram feitos in loco, porém, como muitos dos locais retratados não existiam mais, ou existiam parcialmente, o artista recorreu a fotos antigas, cedidas pelo amigo e professor Oswaldo Rodrigues Cabral. “(...) O uso das fotografias foi necessário porque muitas das casas que representavam a cultura açoriana não estavam mais de pé.” (Nonnenmacher, 2007, p. 156) A fim de eternizar a Florianópolis do final do século XIX e meados do XX, além da arquitetura antiga da ilha, Fossari registra um cotidiano ilhéu já inexistente, como o acendedor de lampião, ou o bondinho puxado por burros. Fossari contribui para vivacidade da história de Florianópolis, seu trabalho recusa-se ao esquecimento e mantém-se presente na memória da cidade. O artista dá forma ao que hoje poderiam ser apenas contos, ou pior, lembranças narradas.

Prestou uma grande contribuição à memória cultural da cidade, uma vez que, através de seu talento, habilmente registrou as várias fachadas da capital. São gravuras sobre as mais tradicionais edificações públicas e residenciais. (Makowiecky, 2003, p. 272).

Infelizmente o esquecimento é um sintoma do século XXI. Fossari dizia que “o passado não podia ficar perdido” Foi pensando dessa forma que o artista deixou registros documentais muito importantes para a história da cidade de Florianópolis.

Ele foi fundamental dentro do nosso movimento artístico, principalmente nas décadas de 40 e 50, porque retratou as coisas da cidade, lutando como todo percurso, tendo uma linguagem própria e respeitando o trabalho alheio. (Hassis apud Schimitz, 1987, p.11).

Ao observar os desenhos de Fossari na obra *Florianópolis de Ontem* reparamos temas como: paisagens, registros arquitetônicos, cenas cotidianas e festas típicas. Para o artista era importante “fazer a impressão do momento”, mas acima de tudo Fossari se comprometia a reviver o “passado presente”. As imagens de suas telas despertavam o passado adormecido na memória da cidade. Um passado não muito distante, porém esquecido, dia a dia, devido às mudanças aceleradas de Florianópolis. O propósito de Fossari era manter viva a memória da ilha e seus costumes, usando destas imagens para construir lembranças.

Embora os desenhos de Florianópolis de Ontem se fixem preferencialmente na antiga arquitetura de Florianópolis, inclusive o que sobrou da colonial, Fossari fixa também cenas de rua e atividade profissional típicas dos habitantes antigos da cidade. Fossari trouxe o gosto pelo detalhe, pela minúcia documental.<sup>1</sup>

Fossari era um perfeccionista, era hábito produzir seus desenhos arquitetônicos no próprio local, aonde chegava a voltar inúmeras vezes para registrar os mínimos detalhes.

Em cada uma das gravuras de Fossari há movimentos, e há vida: e as nuvens, as carroças e os barcos a vela, as passagens, os telhados e as árvores aí estão em cada uma das gravuras, para nos dizerem que a História de hoje, somados, é que vão ser o mundo de amanhã. (Sachet, 1978).

Quando Fossari faleceu, Paulo Clóvis Schimitz escreveu ao jornal *O Estado* a matéria *Fossari, a nova perda de uma cidade sem memória*, onde fala sobre a importância do registro da memória visual da cidade. Fossari sempre teve a preocupação com a memória do seu objeto de estudo. Seus desenhos se convertiam em “biografia visual”, a cada linha, em cada detalhe, é como se contasse a história e os segredos passados da cidade. Cuidadosamente desvendava as facetas reprimidas de modelos duros e silenciosos.

Para tentarmos entender este interesse de Fossari pela cidade podemos considerar o espaço urbano como uma “estrutura de linguagem que se manifesta não apenas pela sua representação visual, mas polissensorial, produzida e utilizada pelo habitante deste espaço” (Makowiecky, 2003, p. 46). Então, desta forma as cidades seriam o espaço cênico onde, nós habitantes, seríamos os atores. É importante lembrar que a cidade “é povoada também pelo conjunto de recordações e mitologias que dela emergem, o que faz com que ela se anime com nossas recordações e que seja também agida por seus habitantes, que continuamente dialogam com seus signos, símbolos e monumentos” (Makowiecky, 2003, p. 46). Podemos pensar então as representações da cidade feitas por Fossari como um diálogo intermitente entre passado e presente.

Que outra forma teria o ilhéu de conhecer seu elo perdido nas brumas de um tempo onde não se curti as praias nem o banho de mar, as mulheres usavam espartilho, a famosa figueira ficava em frente ao palácio Cruz e Souza, os bondinhos eram

---

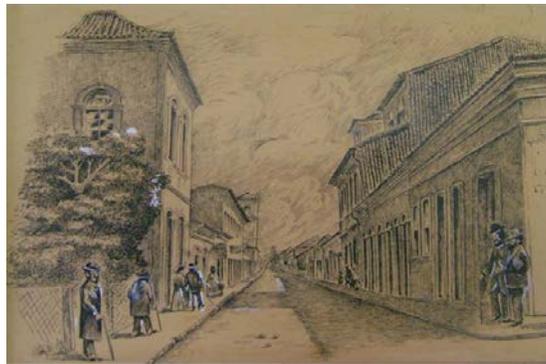
<sup>1</sup> Jornal do Brasil. 11/12/79. In Domingos Fossari. Retrospectiva de sua obra no MASC, em 1988, com curadoria da viúva do artista, Sra. Irene Maria Fossari.

puxados por burros, as ruas iluminadas por lampiões de querosene, os homens usavam bengalas, chapéu e roupas pesadas, [...] não fossem os traços firmes do desenhista Domingos Fossari? (Moraes, 1987, p.2).

Os desenhos em *Florianópolis de Ontem* contam a história de uma cidade a muito “esquecida”, e que para alguns nem existiu. Hoje encontramos vestígios da antiga cidade escondidos entre os prédios comerciais do centro de Florianópolis. A cidade passou por inúmeras mudanças e alterou “substancialmente sua paisagem urbana com edificações em vários estilos, e o surgimento de modernos edifícios no lugar das construções seculares.” (Makowiecky, 2003, p.335). Não é incomum que gerações mais jovens ao escutar histórias sobre a “Florianópolis de Ontem”, que Fossari incansavelmente dedicou-se a registrar à considerem ficcionais. Afinal, muitas das ruas e casas retratadas nas telas do artista, não existem mais, ou com o tempo receberam outros nomes, assim, distanciando ainda mais estes jovens observadores que nada observam.

[...] numa cidade sem memória, seus bicos de pena, mostrando o Miramar, os sobrados da Rua Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino, igrejas já demolidas, casarões que deram lugar a edifícios, ruas e esquinas hoje tomadas por fliperamas – Tudo, enfim, é documental. (Schmitz, 1987, p.11).

Com traços leves Fossari restaura em suas telas “[...] o casario perdido, telhados antigos, costumes com uma poética atmosfera da ilha [...]” (Pisani, 1979).



**Figura 1.** Fossari. Rua do Senado, mais tarde Rua da República. Hoje Felipe Schmidt.



**Figura 2.** Rua Felipe Schmidt, 1930.



**Figura 3.** Rua Felipe Schmidt, 2003.

Podemos considerar a atenção e dedicação de Fossari pela arquitetura e os costumes da ilha como uma “reação afetiva e imunitária contra o esquecimento resultante dos imperativos da modernização dos espaços” (Nonnenmacher, 2007, p.157). O vínculo afetivo com a cidade e as interações sociais é evidente nos desenhos do artista, ao lembrar as épocas em que frequentava o “falecido” bar Miramar diz “sempre ia encontrar os amigos e conversar as coisas daquele tempo”<sup>2</sup>. Uma lembrança que como tantas outras soavam como desabafo.

Em cada desenho, uma lembrança, um desabafo, e acima de tudo a tentativa de eternizar a cidade que hoje é ausência. Fossari repousou seu presente no papel e o lapidou com linhas e memórias, deixando o passado disponível para aqueles que se dispusesse a “exumá-lo”.

---

<sup>2</sup> Fossari retratou a história da ilha. “O Clamor”, Florianópolis, 1986.

Ao folhear o livro *Florianópolis de Ontem* em busca de mais informações percebe-se que Fossari não data vários dos desenhos expostos na coletânea, o que proporciona ao olhar a sensação de um tempo indeterminado. É certo que Fossari tentava dominar o tempo através de seus desenhos, sendo assim, transformou a sua obra em objeto atemporal. Segundo Nonnenmacher (2007) existe em Fossari:

A ausência de referência temporal na maioria das obras (...) sua preocupação em registrar e catalogar emocionalmente um passado [o liga ao expressionismo] (...) dizia ele ser simpático ao 'expressionismo, porém sem academicismos' (Nonnenmacher, 2007, p. 168).

Seixas Netto acreditava que os traços de Fossari continham a “profundidade do fantasmal da verdade dos tempos que tinha como axioma o conceito de infinito”<sup>3</sup>, o jornalista vai além dizendo que eles continham o infinito, aquilo “que é eterno, que não existe em si mesmo, ou em partes”<sup>4</sup>. Nonnenmacher diz que as características levantadas por Netto sobre a obra *Florianópolis de Ontem* de Fossari, nos permite analisar os desenhos do artista como uma “constelação salvadora” que rompe com a linha do tempo linear, e lança a obra no redemoinho da existência, cujo ápice se encontra numa trilogia do instante formado pela perceptividade-construção- desconstrução” (Nonnenmacher, 2007, p.169).

O escritor e jornalista Seixas Netto diz em relação ao trabalho de Fossari que “Há uma imortalidade em tudo. E imortalidade e imortal é aquilo que morre a cada instante para viver no instante seguinte”.<sup>5</sup>

Marilange Nonnenmacher explica que o comentário de Netto, sugere que “a imortalidade possibilitada por Fossari, está na tentativa sóbria do artista de lançar algumas de suas obras para fora do domínio do tempo cronológico e linear”.

Assim sendo, entendemos que tempo é a palavra chave para o trabalho de Fossari “ao deixa-las fluir numa imanência histórica, numa eterna temporalidade do presente, adquirindo novos significados, nascendo a cada instante, de acordo com as alianças e relações estabelecidas num determinado momento.” (Nonnenmacher, p.168). Também podemos dizer que este tempo no trabalho de Fossari não se trata do tempo cronológico, mas sim do tempo que Benjamim chama de aqui e agora a “existência única, e somente nela, se

---

<sup>3</sup> NETTO, Amaro Seixas. Os enigmas das artes e dos artistas. *O Estado*, Florianópolis.

<sup>4</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>5</sup> Amaro Seixas Netto para o Jornal AN Capital, 1999.

desdobra a história da obra. Essa história compreende não somente as transformações que ela sofreu, com a passagem do tempo, em sua estrutura física, mas como relações de propriedade que ela ingressou” (Benjamin, 1986, p. 167), ou seja, a obra de Fossari transita entre o presente e o passado, na relação entre a cidade capital do presente e a mesma cidade provinciana do passado com seus casarões e tradições.

As imagens de Fossari são atemporais, porém a memória destas obras precisa ser exercitada na memória das pessoas, “alimentadas no cotidiano e a partir do cotidiano, isto porque o óbvio não é a lembrança, mas sim o esquecimento” (Esquinsani, 2007). Considerando que a memória não é uma função natural, mas sim uma construção humana moldada em um determinado tempo, Pierre Nora (1993) explica que por esta razão:

[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história o relativo. (Nora 1993, p.09).

A memória assume um caráter coletivo e não individual, ou seja, as lembranças estarão sempre inseridas dentro de um contexto. Ao recordarmos uma imagem esta não terá sentido e valores por si só, mas estará relacionada a valores externos e maiores. A memória passa a agir como identidade, mas não exclusivamente individual. Halbwachs (1990) vai explicar que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Ou seja, é a partir da memória coletiva que se constrói a identidade cultural de um povo, em um determinado tempo e lugar. E somente através desta memória coletiva que é possível manter viva a representação de um grupo social.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (Nora, 1993, p.09).

Fossari representa Florianópolis a partir do seu imaginário, suas memórias individuais e coletivas. O artista não simplesmente imita as formas da cidade, mas as incorpora em um tempo, criando uma distinta Florianópolis.

É o sentimento urbano agregado em suas telas que atribuí identidade e significado a seu trabalho. Gombrich (1986) diz que “Nem no pensamento, nem na percepção, aprende-se a generalizar. Aprendemos, sim, a particularizar, a articular, a fazer distinções onde antes havia apenas massa indiferenciada”. Considero esta a verdadeira arte de Fossari, a capacidade de transformar a cidade objeto em cidade narrativa, que vive através dos tempos.

### **Referências Bibliográficas**

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2 edição, 1986, p. 167.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. ESQUINSANI, Valdecir Antonio. **Leitura, Patrimônio Cultural e Lugares de Memória: O papel da Escola**. 2007. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/viewFile/197/254> Acesso em 11 jun. 2011.

FOSSARI, Domingos. **Florianópolis de ontem**. 3. ed. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1978.

FOSSARI, Domingos. **Assim os vejo...homens do meu tempo**. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

GARCEZ, Luciane Ruschel Nascimento ET MAKOWIECKY, Sandra. **Domingos Fossari na Memória** - A trajetória de um artista. Anais do XIX Seminário de Iniciação Científica. 2009.

GOMBRICH, Ernst Henrich. **A história da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MAKOWIECKY, Sandra. **A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos**. 2003. 543 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Programa de Pós Graduação do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MIGUEL, Salim. Redescobrimo a mocidade. **Jornal “O Estado”**, Florianópolis, 24 mai.1987.

MORAIS, Maria Helena de. As Brumas de Florianópolis. Jornal “**Diário Catarinense**”, Especial, 1987.

NETTO, Amaro Seixas. Os enigmas das artes e dos artistas. *O Estado*, Florianópolis.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e morte Miramar**: memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade. Florianópolis, 2007. 1 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, n. 10, 1993.

PISANI, Osmar. Jornal “**O Estado**”, 1979. In Domingos Fossari. Retrospectiva de sua obra no MASC, 1988, com curadoria da viúva Sra. Irene Maria Fossari.

SACHET, Celestino. Fossari revive o passado em seus bicos-de-pena. **Jornal Udesc**, Florianópolis, p.16, 1978.

SCHMITZ, Paulo Clóvis. Fossari, nova perda de uma cidade sem memória. **O Estado**, Florianópolis, 24 mai. 1987.

SOUZA, Silveira de. **O Vigia e a Cidade**. Florianópolis: Edições do Livro de Arte, 1960.